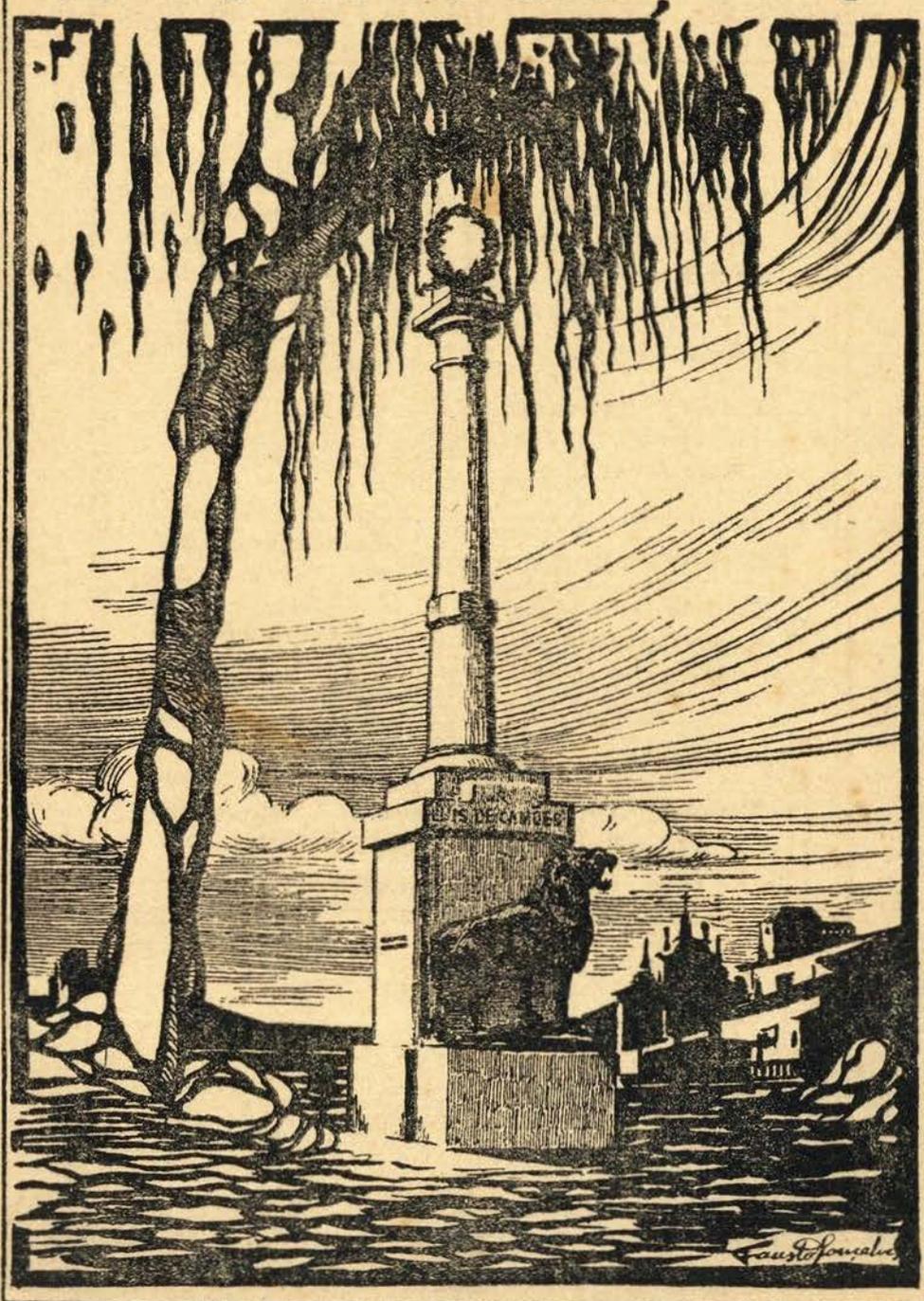


A TRADIÇÃO



TOMO I

(1 a 5)

COIMBRA - PORTUGAL

AGOSTO — 1920

: REVISTA : ACADEMICA : COIMBRÃ :

SUMARIO

Interesses académicos:

*Palavros, factos e actos
do Senado Universitário
de Coimbra.*

Conferências selectas:

*a do Ex.^{mo} Embaixador
do Brasil (Dr. Fontoura
Xavier).*

Paginas literarias:

*Caminho da Raça (Augusto
Casimiro).
Visão (Afonso Duarte).*

Prosa e verso:

*Portugal — Elogio do
pão — Um boudoir*

*de Muller — Ante a
Cruz — Pátria —
Aos Desertos — Ador-
meci — Azas — Silên-
cio — A minha Voç
— Idílio.*

*“Tradição,, e Tradições
— Vida Académica.*

Figuras:

*Noite de guitarras —
Embaixador do Bra-
sil — Capela de São
Cristovam (Sé Velha)
Dr. Domingos Pereira
— Presidente da Re-
pública (Dr. António
J. de Almeida) — Dr.
Ramaña Curto — O
púlpito de Santa Cruz
— O 5.^o ano Jurídico
Aspectos da tourada.*

A alguns, a muitos :

... o «pessimismo» — essa flor exótica que ostentam, com elegância e com artificio, os intelectuais inertes e decadentes.

... são, no fundo, «vencidos da vida», indivíduos de formação comunitária que, em vez de afrontarem galhardamente as dificuldades da vida, capitulam miseravelmente perante elas, numa abdição sem honra nem brilho.

O futuro é daqueles que fazem do trabalho próprio o pensamento e o alicerce da sua vida; que, em vez de se encostarem aos outros e de apelarem para a comunidade, fiam tudo da sua energia pessoal, da sua aptidão própria, da sua virilidade individual.

Assim falou um Lente na Sala dos Actos
Grandes em 30 de Novembro de 1918.

Sentimos orgulho na gratidão modesta e sincera: modesto e sincero é o nosso tributo — oferecendo à Direcção da Associação Académica as sanguineas que temos a honra de reproduzir em homenagem àqueles que nos deram alguma coisa mais do que palavras.

Colaboração literária:

Afonso Duarte.
Augusto Casimiro.

Adriano Fernandes de Azevedo — *Direito*.
Alfredo Brochado — *Direito*.
Américo Cortez Pinto — *Medicina*.
Angelo Cesar Machado — *Direito*.
António Portucale — *Direito*.
Fernandes Martins — *Direito*.
Horácio de Seabra — *Medicina*.

Colaboração artística:

Alberto de Sousa.
João Augusto Machado.
Abel Eliseu.

Fausto Gonçalves — *Direito*.
Joaquim Salgado — *Medicina*.
José de Seabra — *Direito*.

A edição dos números seguintes será orientada pelos académicos — Carlos Clímaco, Alves Barata e José Rodrigues.

Colaboração prometida para o próximo número dos srs. dr. Aarão de Lacerda, dr. Jaime Cortezão, João Ameal e Campos de Figueiredo.

Interesses academicos: « Condições necessárias para que a Associação Académica realize a sua função educativa.

Os recibos de cobrança, serão firmados: na metropole, por José Rodrigues da Costa; no Brazil e colónias, pelos respectivos agentes.

Enderesso postal — quer para os colaboradores quer para os assinantes:

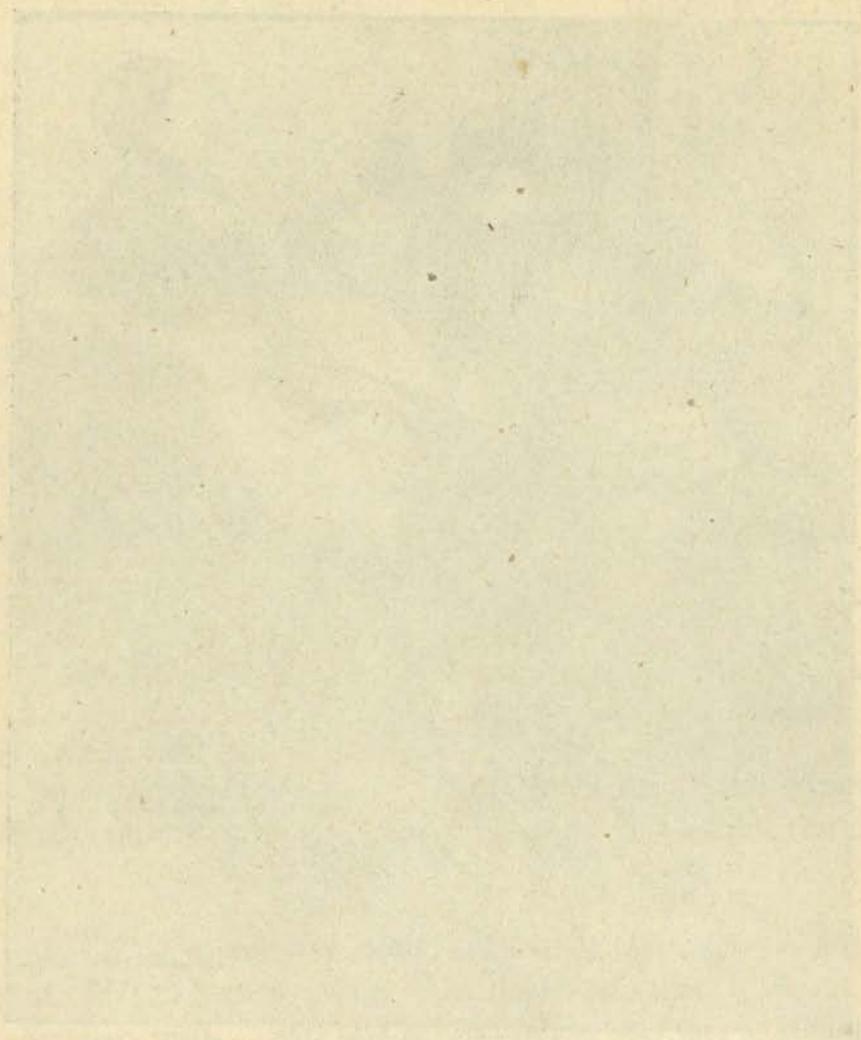
« TRADIÇÃO »

P. Central

Coimbra

Erratas: a pagina 9 é — pagina literária — e a 10 prosa e verso; a pag. 20 saiu (cruxi) por (cruci) e outras gralhas há, que a brilhante intelligencia do leitor supre.







Dir. e ed.: CAMILO VALENTE — Red. : Ass. Académica (sala própria)

Composto e impresso na Casa Tipográfica de Alves & Mourão, Adro de Cima. 10 a 12

TOMO I

INCOERÊNCIAS : FUNESTAS :

PALAVRAS: — «O grande factor de conducta é o *carácter* e não a *inteligência* e pode haver antagonismo, ou pelo menos uma falta notável de paralelismo, entre estas duas fôrças. O carácter mergulha as suas raízes na fonte obscura das influências afectivas e sentimentais; a inteligência bebe a sua seiva nos claros domínios das evidências racionais».

«É por meio da inteligência que o homem pensa; mas é pela acção do carácter que o homem procede».

«Não basta, pois, *instruir*; é necessário sobretudo *educar*; é necessário formar o carácter, fortalecer as crenças, apurar os sentimentos».

«O problema da educação não pode deixar de ser o problema fundamental e vital em qualquer agrupamento humano».

«E como nos encontramos num momento singularmente delicado da vida nacional, em que urge refazer a nossa educação colectiva...».

«Ao lado da liberdade de proceder, assegura-se e cultiva-se a liberdade de pensar».

«A *cultura* da personalidade e o *respeito* pela personalidade são dois princípios fundamentais na educação inglesa».

«Pode todavia parecer que, com um tão grande desenvolvimento da autonomia e da personalidade, a educação inglesa conduz facilmente ao desregramento, ao arbítrio, à desorganização».

«Não é assim, porque paralelamente com a formação da personalidade educa-se cuidadosamente o *sentimento da responsabilidade*».

«A disciplina interna, o *self-control* prepara admiravelmente o anglo-saxão para a obediência, *não para a obediência coactiva e externa, mas para a obediência voluntária, imposta pela consciência*».

*

«Há que reformar corajosamente a nossa educação, *mas sem nos desnacionalizarmos*; há que conservar as virtudes próprias e adquirir as alheias».

«É necessário que os pais se compenetrem da alta verdade — que não devem a seus filhos uma herança, uma fortuna feita, que só lhes devem educação, mas uma educação forte e viril, capaz de os habilitar a vencer as dificuldades da vida».

«Numa palavra: é necessário prègar a religião do trabalho. É necessário sacudir êste torpor, esta preguiça nacional, que nos envergonha e nos enfraquece».

«É indispensável que uma acção combinada e coordenada refaça toda a nossa educação».

Factos: — Em 918, representou a Associação ao Presidente que foi, Doutor Sidónio Pais, expondo as precárias circunstâncias da vida académica coimbrã, depois que o velho teatro-club foi demolido e os seus móveis tomaram rumo incerto. Pediu, e o então Presidente, sciente da justiça que nos assistia, concedeu a subvenção de 100 contos, tendo palavras que, claramente mostram ser esta verba dada à Academia e a sua aplicação por ela orientada: — *a Associação não tem talvez capacidade jurídica, mas a Universidade — o Senado — servirá para esse fim de intermediária.*

Assim ficou definida a acção do Senado perante o decreto 4.697, que jamais, fez representação alguma a favor desta Academia. Ao Sr. Dr. Mendes dos Remédios deve-se a gentil apresentação dos delegados e a defesa verbal da petição no momento em que fazia cumprimentos ao Presidente e, nada mais.

O Senado nada fez de 24 de julho de 918 a janeiro de 919, tendo todas as facilidades, o empenho mesmo, para que levantasse o capital.

¿ Procurou fazer inscrever em orçamento a verba-anuidade ?

Não. Tão somente o Sr. Reitor escreveu particularmente, depois de constantes pedidos da Associação, ao seu amigo Dr. Queiroz Veloso — e assim chegou janeiro; caiu a constituição sidonista; e o decreto 4.697 cristalisou — *numa bela promessa* — no dizer dum jurisconsulto e alto vulto da política.

Foi ainda, e só, a Associação que numa obra inteiramente académica e patriótica, conseguiu a atenção do ministro que era, Dr. Domingos Pereira, e devido ao zêlo de S. Ex.^a pelos interesses da academia (pela sua educação direi), reabilitou o decreto, informando o processo para a inscrição de anuidade até denegação de verba pelo ministro das finanças.

Finalmente, numa persistência quási impertinente que arrastou por Lisboa um delegado durante meses, obteve do ministério presidido pelo Sr. Dr. Domingos Pereira, e sendo ministro das finanças o Sr. Dr. Ramada Curto, o decreto 5.659 inscrevendo a verba-anuidade — 10-3-919.

Em boa razão foi êste o diploma que nos deu os 100 contos, exígua compensação nos tempos de hoje, dos bens académicos que o Senado — a Faculdade de Letras — nos arrebatou.

Por motivos da greve finda, só em 26 de novembro de 919 ponde a Associação obter as escrituras, assinadas quando da visita de Sua Excelência o Senhor Presidente.

Sendo a verba inscrita em ordem ao decreto 4.697, sob a rúbrica *Divr.^s empréstimos à Universidade*, será o seu órgão administrativo que levanta o capital.

A 14 de janeiro do corrente, oficiou a Ass. ao Sr. Reitor pedindo o seu levantamento; que fôsse acabado o campo de jogos; que o juro lhe fôsse dado para organização do Orfeon, Tuna e Grupos-sportivos. Um delegado justificou a urgência e respeitosa e insistiu duas vezes, neste pedido, mas, não houve resposta — o Senado discutia a legalidade da Direcção !!!?

Não sabemos a que título o Senado discute a legitimidade dos corpos gerentes da Associação, nenhum preceito estatutário ou qual-

quer razão procedente a tal o habilita; demais não colheu elementos para lavrar tão vexatória sentença:—êles provavam-lhe justamente o contrário. Motivos doutra ordem levaram o homem — o lente — o Senado a proceder duma forma bem diversa daquela que aos mestres cumpre, premiando aqueles que se mostram à altura dos seus deveres, com um triste exemplo de perseguição mesquinha, altamente desmoralizadora por envolver intuitos reservados que em tudo se afirmam.

Actos: — Já hoje, eleita nova direcção (não importa que o acto eleitoral fôsse, quanto ao prazo e à entidade que o convocou, ilegal?), a comissão de *sports* officia à Assoc.; vai reparar o campo de jogos com verbas de exercício findo, cuja aplicação devia estar efectivada; a Junta Administrativa convida um delegado da Associação às suas reuniões, e faz sciente que tem ordem para levantar os 100 contos; esta, esquecendo o esforço ingente e o exemplo altivo e honesto das três gerências transactas, aceita, abdicando dêsses direitos, dessas responsabilidades, que os Senhores Dr. J. Alberto e Dr. Teixeira Bastos dizem ser o cadinho onde o carácter se forma! Para a Junta, para o Senado os académicos dum curso superior — os quási-bachareis — são uns colegiais, em que Ele se apoia nos dias de tranze para servir os seus interesses e que Ele espolia nos dias de gloria..... para servir os seus interesses.

Os Mestres abusam da sua autoridade; as suas palavras não correspondem às suas acções que são fáceis de prever nas duas forças que as determinam. — Uma apoia-se nos Poderes Públicos e desmoralisa a Universidade, outra apoia-se na Universidade e desmoralisa os Poderes Públicos.

A primeira orientada pelo sr. dr. Angelo da Fonseca, com a influência que a política lhe dá, protege um hospital com mais empregados que doentes, com mais mulheres que enfermeiras, sem serviços escolares quási; a segunda orientada pelo sr. dr. Guilherme Moreira, com a influência que a Universidade inspirada no catolicismo lhe dá, protege, numa resistência passiva, êste meio ultraconservador que, com República ou monarquia, será sempre o mesmo vivendo de um sibiritismo científico de cuja utilidade ninguém se aperebe.

Conclusão: — *Desmoralização, Desmoralização, Desmoralização* — triângulo estratégico onde Portugal agoniza.



**Alguns aspectos da Conferencia que S. Ex.^a o
Embaixador do Brazil, Sr. Fontoura Xavier,
a convite dos estudantes, fez na sala dos
Capellos da Universidade de Coimbra, por
ocasião do anniversario da descoberta do
Brazil :**

«Ao imaginar esta palestra destinada aos meus patricios brasileiros estava longe de suppôr que seria honrado com tão illustre e selecto auditório. Dou-me os parabens, e agradeço a vossa presença porque ella é o mais bello ornamento desta celebração.

Perdoai-me fallar uma língua que não pode soar bem aos vossos ouvidos. Bem sei que ella não é a vossa. Como o espanhol e o inglês, o portugûes ressentente-se da transplantação para a América, e accusa a nodosidade das plantas que crescem de enxêrto.

... Viestes para a Universidade de Coimbra preparar-vos para a lucta pela vida, e ainda bem que o fizestes. É uma instituição mais velha do que a nossa pátria; instituição que desde o século XIV compete com as suas congêneres, algumas das quais existiam duzentos anos antes. Aprendeis portanto com professores cujos raios de acção medem-se por séculos.

Há três séculos e meio, ao poeta-Rei D. Denis prestou Camões esta homenagem pela criação da vossa Universidade :

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
o Valoroso officio de Minerva...
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,

E não vos encontro curvados ao pêso de tanta tradição, de tanta glória.

Ex.^{mo} Sr. Reitor,
Ex.^{mos} Srs. Lentes
Srs. Estudantes da Universidade
de Coimbra :

;; Muito podem o dever da responsabilidade e a consciência do próprio valor !!

... Vós que deixastes o nosso país para fazer em Coimbra a vossa formatura tendes esta vantagem sôbre os que lá ficaram: viajastes, e o Universo, segundo Stendhal, é um livro do qual se leu apenas a primeira página quando se não conhece mais que o país natal. Outra vantagem é a oportunidade que tendes de aprender o português. Esta é tanto mais importante quanto sómente o conhecimento de uma língua estrangeira assegura-nos a posse do nosso próprio idioma. Já se disse que muitos erros e enganos dos antigos philósofos provêm do facto delles não terem sabido outra língua senão a sua, e por isso confundiam o symbolo com o pensamento.

Mas se voltardes à pátria, tendes também esta desvantagem: a de não levardes para a vida prática as amizades da quadra de estudante. Muitas celebridades de hoje e de então não o teriam sido se não fôsse o auxilio dessa amizade. Por mais fortes, mais aptos que sejamos, necessitamos sempre do auxilio dos outros, e êsse é tanto mais efficaz quanto mais íntima é a força que o impelle. Os homens não se fazem por si. O *self made man*, de quem tendes notícia, é um inconsciente e um ingrato, e os ingratos abundam porque jámais se prendeu alguém por dívida de gratidão. A ingratidão é um sentimento tão execrando que quási não existe entre irracionais. Voltaire detestava os ingratos. Dizia que se devesse obrigação ao Diabo diria bem de seus cornos.

...Um contraste entre a vida animal e a vida vegetal é que nesta as excrecências que medram à sombra das árvores chamam-se cogumelos, e naquella os homens que vivem da seiva dos seus maiores passam por intellectuais. Esta espécie de preconceito ia-nos custando caro; no momento mais crítico da História tivemos os nossos destinos à mercê de uma *mediocridade cansada* pelo facto della ter medrado à sombra de um grande homem. É que dois metais da mesma côr,

dois animais da mesma espécie, madreporas e perolas, a verdade e mentira, no fundo tão diferentes um do outro, são iguais na aparência. Por isso a elevação da mediocridade a altos postos é muitas vezes o produto de um equivoco. Dizia Roosevelt que não conhecia nada mais revoltante nem mais contrário aos princípios de Justiça do que dar ao preguiçoso de corpo, lerdo de espírito e rombo de carácter uma recompensa que representa um roubo feito ao mais hábil e que mais a mereceu. São máguas que calam fundo e não raro dão lugar a tragédias. Não se pode esperar que um indivíduo desta espécie tenha compreensão de um momento histórico, quando essa compreensão chega a faltar ao génio.

A data que hoje celebramos recorda uma dessas phases que escaparam à compreensão dos coevos. Ella é a maior da nossa história. Não só é a maior da nossa história como é a maior da história das descobertas. O génio dos *Lusiadas* não se apercebeu da sua passagem. Celebrando a memória dos reis que dilataram a Fé e o Império, fixou-se de preferência nos varões que devastaram as terras viciosas d'África e d'Ásia... Não era no Tormentório que o Gigante de Pedra aguardava a gente ousada mais que quantas no mundo cometeram grandes cousas. O Adamastor que se desvendou ao Poeta no Oriente era um efeito de miragem da realidade no Ocidente. Se em vez de Pedro Álvares Cabral fosse Vasco da Gama que se desviasse da derrota que levava, echoariam nos *Lusiadas* os fastos e batalhas mal sangradas do povo americano agora extinto; em vez da tuba sonora que fazia arrepiar as águas ao Guadiana, vibrariam o boré e os ritos *semi-barbaros* dos Piagas, cultores de Tupan; o Prest-Jean surgiria na Terra Virgem, onde como dum throno emfim se abriram os piedosos braços da Cruz de Cristo... e Camões, como Homero, teria feito do mesmo modo a sua *Iliada*, e criado uma Mythologia.

Isso porém, se não aumentou a sua glória, não a diminuiu, como não apoucou a glória da velha Lusitania que contava então a população de Lisboa de hoje, quando avassalava o mundo, assombrando-o com seus feitos.

N'África tem marítimos assentos;
N'Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera lá chegara.

...Sem embargos a descoberta do Brazil echoou longe no século. Um bardo teve notícias dela em Albion, e assim a celebrou:

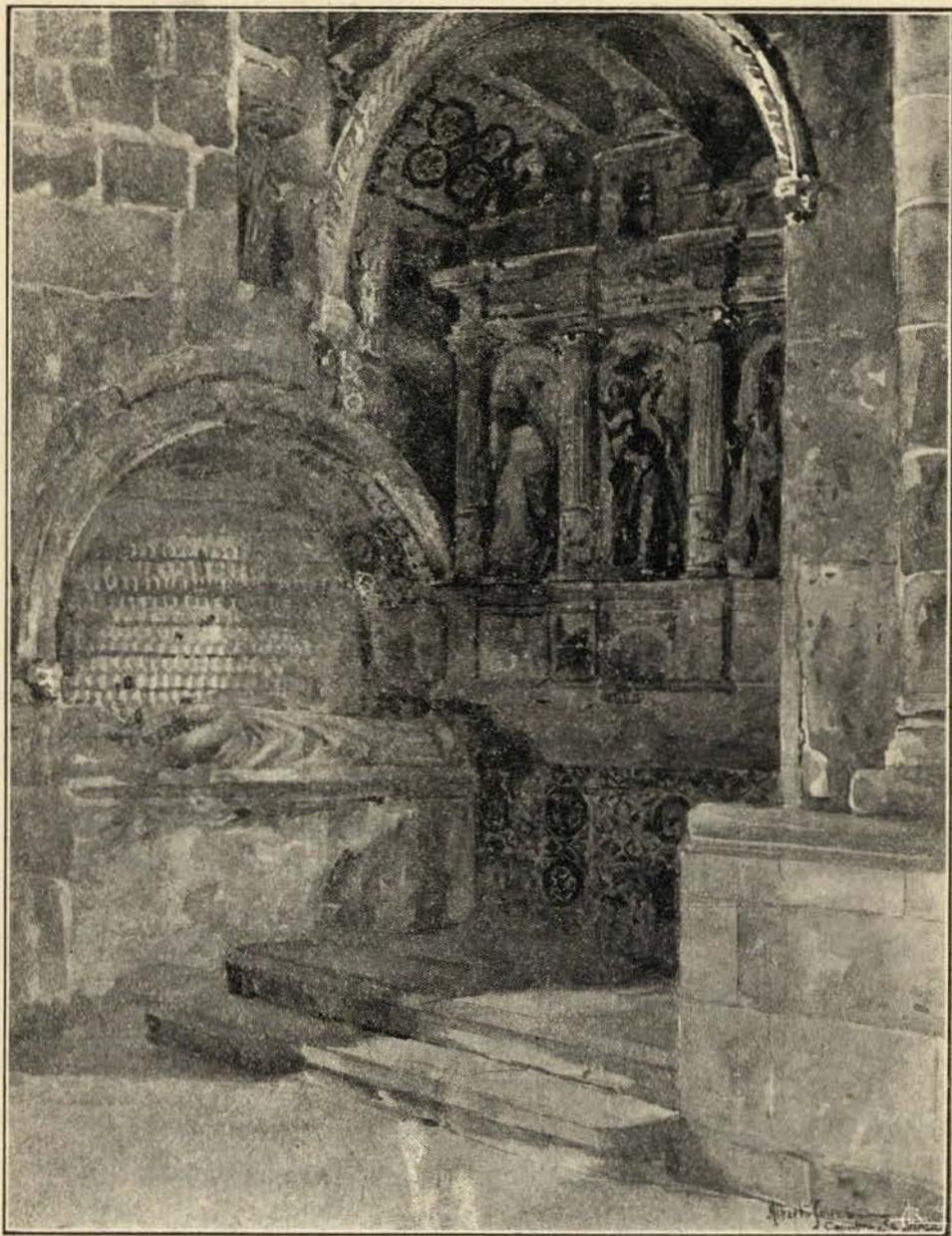
«No oceano que escarva a rocha que habitamos surgiu entre sombras uma terra de Sol e de Repouso, e chamaram na Brazil, a ilha dos Bemaventurados.

Pelo infinito azul dos mares vê-se a formosa visão que se ergue spectralmente adoravel e indistincta; nuvens douradas revestem o pelago onde ella jaz, e parece um Eden ao longe, muito ao longe».

Em alto mar, num grandioso effeito
De apothese de sol, em toda altura
De scenário, destaca-se a estrutura
Do gigante adormido no seu leito.
Resupino, na clássica postura
Da morte, calmo, de sereno aspeito,
Braços em cruz dobrados sobre o peito,
Algo de esphinge, moldam-lhe a figura.
O nome, a glória, as armas e as façanhas
Do heroe dormem com elle nas montanhas
Em cujos cimos se lhe ergueu a campa.
Assim vêmo-lo: um símbolo vibrante
Em forma de sarcófago; na tampa,
Talhada em alto, a effigie de gigante ».

Agradecendo as gentilezas de sua Ex.^a o Sr. Emhaixador do Brazil, prestamos culto à sua alta personalidade de diplomata e homem de letras afirmando a nossa admiração pela nobre Pátria-lusa d'álem mar.

Salvé!...



St. Peter's Basilica

CAMINHO DA RAÇA

*Quando Cabral partiu para seguir a rota
Que a nossa gente vinha apenas de sulcar,
Um divino poder fez desviar a frota,
Voltou as quilhas, impeliu-as sôbre o mar!*

— Que íntimo presentir, que saúdade remota

Os pilotos venceu, graves, o vigiar?

— Que poderosa mão tomou a leme e a escota?

— Que outro vento melhor fêz as velas inchar?

*Terra de Santa Cruz' madrugada florida!
Pátria de alem do Mar desta Pátria esquecida,
Saúdosa, a recordar um passado esplendor.*

*Fossem meus versos — naus, naus do Descobrimento,
E pudessem chegar, com um propício vento,
Á tua alma, Brazil, dando-te o nosso Amor!*

Augusto Casimiro

PORTUGAL

Terra de Portugal à beira Oceano!
A maré sobe, alteia o Sol... Ponte de Sagres!
A vida grita rijo: «*Arma virumque cano!*»...
— Lá vai a Raça pelo Roteiro dos Milagres!

O mar rebôa... longo... enraivecido...
— Pois o seu dorso revoltado, cruza-o
Minha ambição! E traga-o bem vencido
Fechado em minha mão, como num buzio!

Eh lá! Senhores da Estranja! Portugal é isto!
Um dia foi ao Mar! — e o Mar Latino
Floriu-se de ilhas! mundos! Quem diria!...

Sucedeu isto em tempo... Era menino
E deu-vos leis... Hoje matai-lo? É como Cristo...
Redime as vossas culpas... Lá virá um dia!...

Coimbra — Julho 1920.

AMÉRICO CORTEZ PINTO.

ELOGIO DO PÃO

Cai o sol em frechas de oiro
Pelas veigas e caminhos...
Ai, bendito o trigo loiro
Das espigas
E tremonha dos moinhos !

*

Vá raparigas,
Sem descansar,
Que as vossas lindas cantigas
Andem perdidas no ar!
Quem ceifa também abraça,
Na cintura das gavelas,
O sol, a vida e as estrelas:
— Abundância, Deus e graça !

*

Pão de amor — Eucaristia,
Todo luz, todo alegria !...

*

Colheitas já sazoadas,
Que o vento agita,
São ondas fulvas, caçadas,
Numa volúpia infinita...
Ou, então, quási parece
Que Ceres, nua e formosa,
Adormece
Num rico bérço, ou baixel
Côr de mel
E de pétalas de rosa!...

*

Se as sementeiras infesta
Sizânia, ou herva daninha,
Fóra com ela! Não presta!
— Quer-se mui limpa a farinha.

*

Imagem da nossa alma,
Fôra assim a consciência:
Asseada, pura e calma,
Cândida como a inocência!

*

Trigo estendido nas eiras
Brilhando ao calor do sol...
Mangoais, foices, joeiras,
Ó pernas das lavradeiras
Cheirando a feno e a serpol!

*

Pão, como Cristo, adorado,
Por nosso amor, açoitado...

*

O cura casou agora
Dois noivos — que lindos são! —
— Ela tem olhos de aurora,
— Êle um peito de Sansão.
Correm as môças a vê-los
— Quantas invejas secretas! —
E então, sôbre os seus cabelos,
Caem como borboletas,
Num gesto amigo,
Flores, amêndoas e trigo...

*

Passa contente o moleiro
Com recovas carregadas:
Lembra um eterno Janeiro,
Nas roupas enfarinhadas.

*

Quando, em toada roufenha,
Vê o grão, num duro atricto,
Cair das pedras da azenha,
Ergue as mãos e diz num grito:
Bemdito o trigo, bemdito...
Benção de Deus — trigo novo,
Santissima Eucaristia;
Suor e riso do povo,
— Pão nosso de cada dia!

*

Quizera sofrer estios,
Ser massa para beijar
Os vossos braços macios,
Quando vós, ó camponezas,
Ides o pão amassar...

*

Batem mendigos à porta,
Ouvem-se cantos e rezas...
O lavrador, então, corta,
Á farta e à tóa!
Uma fatia de brôa.
E o pobre que se consola,
Cheio de satisfação,
Deixa cair sôbre a esmola
Lágrimas de gratidão!

*

Pão de vida — Sacramento:
Nosso suor e alimento!

*

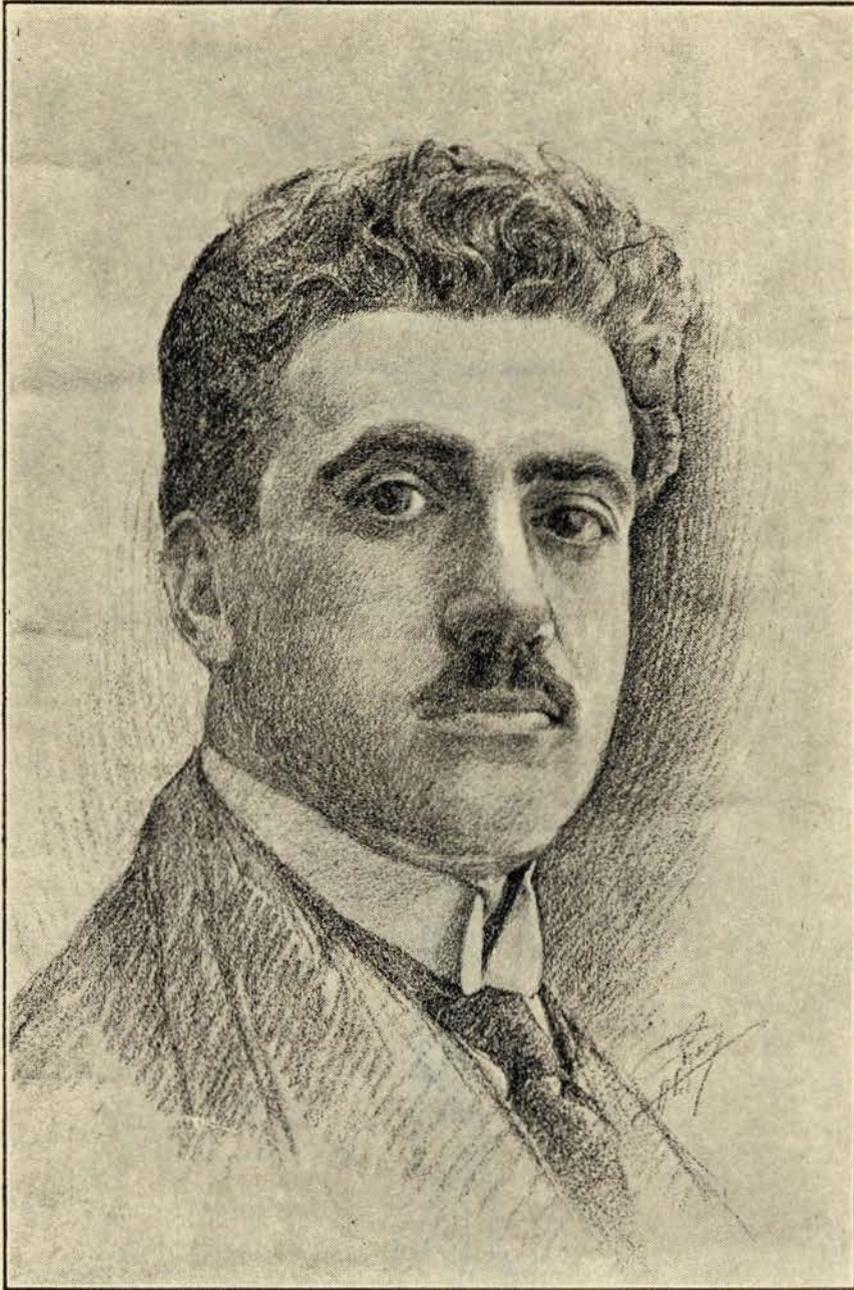
Pode não haver mais nada;
Mas emquanto a brôa dura
Sôbre a toalha lavada,
Há prazer e há fartura.

*

E ao vê-la, qual alvorada,
Eu êrgo as mãos e repito:
Bemdito o trigo, bemdito...
Benção de Deus — trigo novo,
Santíssima Eucarestia;
Suor e riso do povo,
— Pão Nosso de cada dia!

*

O prior nas suas missas,
Quando ergue a Hóstia santa,
É farinha das premissas,
É êsse o pão que levanta.



*

E todos batem no peito,
Absortos e reverentes ;
E cada um, com respeito,
Diz estas frases ardentes :

*

*Adoro-te ó Pão sagrado,
Pão da terra e Pão dos céos :
Suor com pranto amassado,
Corpo, Sangue, Alma de Deus !*

Do livro inédito
«Sombra de Olaias».

ADRIANO FERNANDES DE AZEVEDO.



Frutas do tempo

UM BOUDOIR DE MULHER

O meu amigo X., rapaz de 25 anos que vive para a gargalhada e para a caça, entrou-me a semana passada em casa, de repelão, e desfechou-me brutalmente :

— ç ; Sabes ? ! ...

— Não. Os velhos deuses que Cristo emudeceu nos seus frisos do Partenon não me deram o dom de penetrar mistérios. Não sei nada. Deixa essa cara assarapantada e conta lá o que sabes e o que queres que eu adivinhe.

— Aqui a dois passos, na casa que o Z. alugou a uma personagem misteriosa de Lisboa, habita há cinco dias já uma mulher nova, duma beleza provocante, de formas esplêndidas, profundos olhos negros de mistério...

— ç ; Sim ? ! E depois ?

— ç ; E depois ? ! Depois mais nada. É uma mulher que fascina, uma mulher que...

— Talvês Syrinx, a louca de paixão...

— ç ; Caçôas ?

— ç ; Eu ? e se fôsse Byblis, a insaciável ?

— ; Mau !

— Já me disseram que era Mnasidika, a de pele de veludo...

— Bolas, meu caro. Deixa-te de graças e ouve.

— Imagina tu que ela era Berinice, a olímpica por Astaréa, que amou Demetrios e que...

— ; Adeus ! gritou X. amarfanhando o chapéu raivosamente e correndo quarto fora.

- Conta lá. Palavra de honra que te não interrompo mais.
- ¿ Palavra?
- Palavra.
- Encontrei-a ontem, em plena torreira do meio dia, num *peignoir* transparente de *surah*...
- ¿! Han?!
- É como te digo. Em roupão, bela de provocar um santo.
- Estou a modificar a minha opinião sôbre essa deusa de... *peignoir* ao meio dia, e a flanar pelos pinhais visinhos. Alguma arrependida em vigiliatura...
- Talvés. ¿; Mas sabes que chegámos à fala?!
- ¿ E depois? Fiz eu alvoraçado, sentando-me na cama.
- Depois disse-me que era desgraçada, que fôra atraçoada pelo marido, que, dois anos atraz, abrira a cabeça com um tiro de pistola aos pés da consulesa argentina que afinal se entregára ao adido militar inglês, uma figura grotesca de macaco encasacado, cheio de cerveja e de *wiskey*.
- A eterna história. Muita desgraça junta, muito desengano, muita... muita história.
- ¿ Não acreditas?
- Quási que não.
- Vem daí.
- ¿ P'ra onde?
- A casa dela.
- ¿; A casa dela?!...
- Sim, homem. Eu apresento-te.
- Bem. Vamos lá ver então essa suprema beleza desgraçada.

*
* *
*

Uma creada velha, com uma cara encarquilhada de pergaminho, de faces cavadas e imóveis, veio abrir-nos a porta.

Fomos introduzidos, sem mais cerimónias, no *boudoir* de Maria Benedita. Chamava-se assim, segundo me dissera pelo caminho o meu amigo X. Ao entrar tive um momento de surpresa, e quedei-me momentos, assombrado.

Havia na atmosfera morna do interior que uma luz vermelha pulverisava em tons suaves de papoila, um sensualismo vago de harem turco, um mixto de essências raras que escaldava os sentidos. Num tamborête esguio de pau-setim com filetes *renascença* em oiro baço, cantava um *nargileh* de porcelana branca, gorgolejando olores nervosos de rosas de Alexandria em volutas suaves de fumo azul glauco. Nas janelas pequenas em ogiva tremulavam *stores* de seda vermelha fendidas de rendas pretas de Valência, e num candieiro alto *império* um *abat-jour* de seda branca mostrava na suavidade alada das côres duma aguarela, o cisne pagão da fábula que queria seduzir Lêda nas margens sombrias do Eurotas.

Por detraz de uma palmeira que uma fita de quadrados escoceses coleava volutuosamente, na fórmula serena e olímpica do mármore de Carrara, branquejava num tom de leite frio a nudez esplendida duma Venus de Canova, em tamanho inteiro.

Duas rosas enormes, vermelhas, dormitavam em jarrões doirados de Sèvres, parecendo bocejar o seu tédio heraldico de rainhas triunfantes a dentro daquêles *boudoir* estranho.

Havia coxins persas em brocado de oiro semeados por sôbre as peles mosqueadas dos jaguares, tamborettes de rendilhados finos, duma paciência de capricho, espelhos Luís XV a refletirem tons de sangue quente entre aluviões de *gazes* e rendas. Nas prateleiras de cristal e laca com rebordos de charão vermelho onde cegonhas batiam azas sôbre paisagens nipônicas, bocêtas de prata batida a cinzel, abriam no ambiente morno a carícia dos seus perfumes que se mesclavam em tons suaves de bizzarria.

Eram mixtos de *Royal Begonia* com que se perfumam as axilas, *nardo de Tharso* em que as gregas mergulhavam os seus cabelos de ébano, *metôpyon de Aigypte* que as sacerdotisas de Afrodíte guardavam em bacias de marmore vermelho, *tomilho azul* para perfumar o hálito, *oinanthê das montanhas de Chypre* que as cortezãs escorrem em fio entre os seios turgidos, *marjolana de Kôs* para as pálpebras e sobran-cêllhas, quinta essência de *rosas de Phasêlis* para o pescoço e nuca, a *bakkaris* para amaciar e endurecer os rins, o *mastic* misterioso das iniciações orgiacas da Helada, o *Kirdaesk* suáve dos bazares de Teheram. E toda esta mescla de unguentos, de perfumes, de essências, de cheiros, dava um tom bizzarro, estranho, misterioso, ao interior vermelho do *boudoir* de Maria Benedita.

— Que sêde de perfumes, murmurei eu para X. ' A nossa heroína quiz juntar em poucos metros quadrados tudo o que o Oriente, o Ocidente, a Grécia antiga, o mundo inteiro tem de esquisito e de estupendo.

Rançou a porta e Maria Benedita apareceu, sorrindo. Trazia o mesmo *peignoir* transparente, modelando-lhe divinamente as suas fôrmas de maravilha.

Fui apresentado, tive as melhores frases para essa mulher que era rialmente esplendida e conversámos em ninharias que provocavam sorrisos. Ela foi requintadamente amável e emquanto nos obrigava a um licôr esquisito de paladar e de côr em calix minuscuros de Boémia, foi-nos contando a triste epopeia da sua vida. Era verdade, o marido homem da moda, matára-se aos pés da consulesa argentina. Maria Benedita calou-se por momentos e depois abrangendo com a sua mão branca, num gesto largo e nervoso, todo o interior do *boudoir*, enquanto duas lágrimas lhe riscavam um sulco luminoso nas faces de veludo, ajuntou para nós:

— É aqui que eu choro a sós a ventura que sonhava e que nunca tive. No meio de tudo isto, destes perfumes e destas peles, olhando as rosas e admirando o cinzel divino de Canova, eu tenho a ilusão do amor do *outro*, a ilusão da felicidade que para mim tem sido intangível!

Coimbra, Julho de 1919.
Do livro a aparecer « Decadentes »

HORÁCIO DE SEABRA (VOUGA).

Almachio Diniz, fonte cristalina de inspirações e erudição, é um mestre do *mundanismo* onde as figuras deste conto vivem. Assim, lidas no genial escritor, apresentam-se no seu meio próprio — *elegante*, e deixam-nos presumir o proposito do autor em revelar a influencia da literatura brasileira, se nas "Voluptuosas,, essência pura, se enebriou de tão classicos unguentos e tão perfumadas figuras de beleza e mistério com que irrita o seu amigo X... e naturalmente, os criticos mais ladinos.

Não colheu a *idea*, nem a *forma*.

Bebeu a erudição? Ela não tem outro prestimo: — tomou por mestre o *erudito* escritor. No entanto... *suum cuique*...

PREITO DE GRATIDÃO

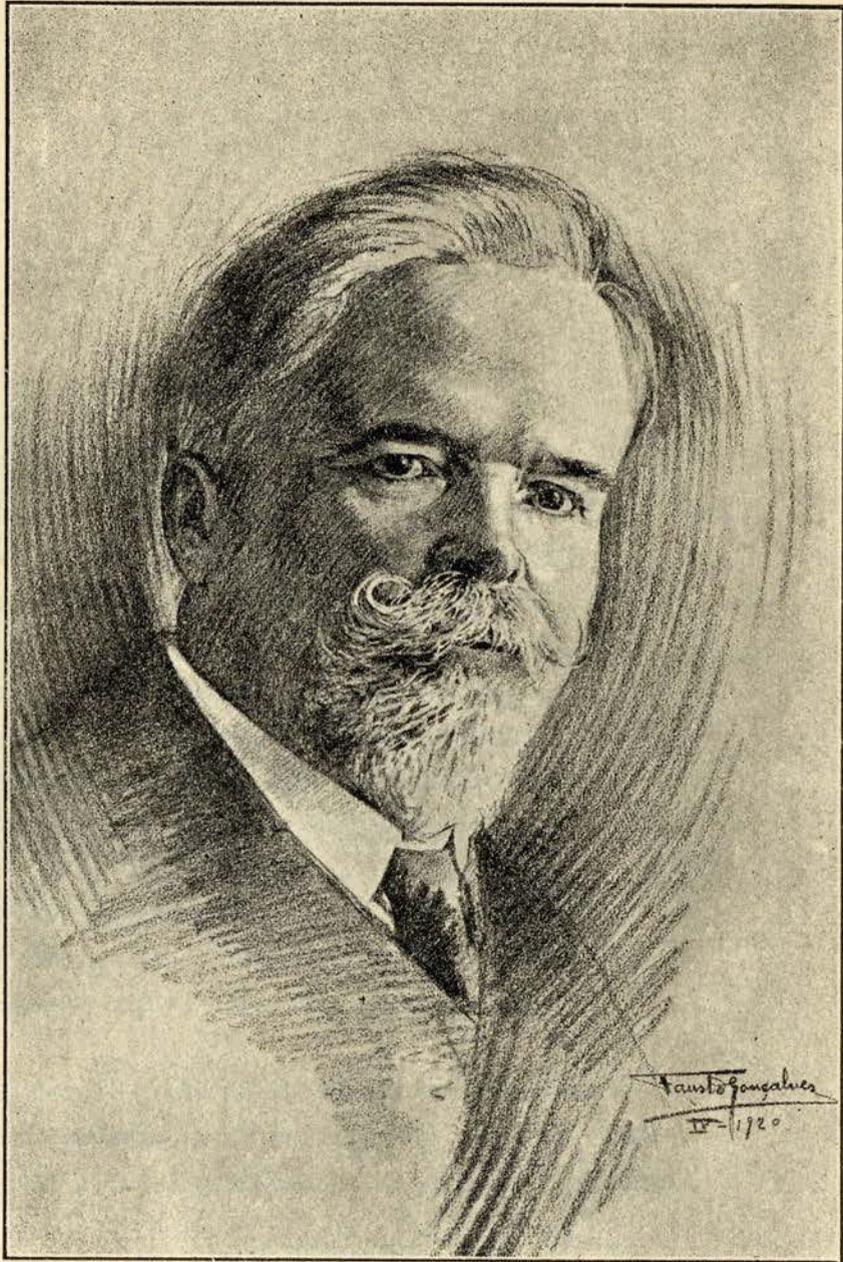
Como homenagem, reproduzimos, neste primeiro número da nossa Revista, as sanguineas dos Senhores Dr. António José de Almeida, ilustre e venerando Chefe do Estado, Dr. Domingos Pereira, antigo presidente do Governo, e Dr. Amílcar Ramada Curto, ex-Ministro das Finanças, por terem sido estes os homens que dotaram a Associação Académica de Coimbra com a importante quantia de cem contos, destinados á construção dum edificio próprio para a sua séde.

Justo é o registo que fazemos dessas tres figuras, dignas, a todos os títulos, do nosso respeito e do nosso agradecimento, por isso que altaneiramente prestaram o seu auxilio, prático e valioso, á tendência espiritual da Academia Coimbrã para a melhor efectivação do valor social e patriótico que representa, com significado e verdade, hoje, como outrora.

Dificuldades houve, muito complexas, que embaraçaram e retardaram a obtenção do quantitativo prescrito para o edificio da Associação Académica. Essas dificuldades, porém, uma vez vencidas, vieram realçar a importância do gesto, por todos os motivos oportuno e generoso, das três individualidades que modestamente homenageamos, visto que a magnitude dum acto se pode deduzir do caracter difficil que importa a sua realização.

Dá, o nosso indelével reconhecimento e a nossa profunda gratidão.

Nisso está o nosso preito de singela e franca homenagem.



VISÃO

*Vi-A: vi hoje um lírio sob o olôr
Da Lua; — um lírio n'água inclinando a haste débil;
E, à flor da saudade, como um sonho flébil
Da aza do tempo, veio a mim o seu amor.*

*Caíu-me n'Alma; e à delicada imagem
Da lua em lago azul dum lícido palôr,
Para a scisma do Longe um músico-pintor
Acordou ante mim chorando na paisagem.*

*Ao luar de penumbra em que amorôso a vi,
De olhos para o Jardim dêsse irradió encanto,
Entristeço; e não sei, nem sei se a conheci!*

*Só, flores esfolhando à luz que me acompanha,
Como pétalas no ar bem as ouço em meu canto
— Por entre a urze lilaz — as aves da Montanha.*

Alfredo Costa

PÁTRIA

Pátria! Pátria! Portugal!
Ó Terra santa e bemdita
A minh'alma hoje grita:
— Ó Terra santa e bemdita
Pátria! Pátria! Portugal!

No meu peito incendiado,
Ó Pátria! eu sinto agora
Reviver todo o passado
Dêste Povo abençoado
Quando se foi Mar em fora!

Olhos em Ti eu só vejo
Os grandes dias de glória
— Os maiores da nossa história!
Em que chegaram ao Tejo
Os galeões da Vitória!

Primeiro do que ninguém
Tu foste, ó Pátria adorada!
Fazer a grande jornada
Das ondas do Mar, a quem
Deves grande nomeada!

Primeiro do que ninguém
Dominaste o Mar profundo...
— História assim quem a tem?!
Primeiro do que ninguém
Foste a Senhora do Mundo!...

A tua Armada venceu
As lendas que se contavam
De mil monstros que matavam
— E que gente não morreu!...
Quem no Mar alto encontravam.

Do Restelo em certo dia
Ela se foi de abalada
Sem saber aonde iria,
Ou ainda se viria
Outra vez dessa jornada.

E as velas brancas de espuma
Como gaivotas no Mar,
Levantam vôo uma a uma!
E as velas brancas de espuma
Lá vão elas a singrar...

E sôbre as ondas sulcando
O rumo desconhecido,
A Armada vai demandando
Sôbre as ondas, espumando,
O Novo Mundo escondido!

Mais tarde quando voltou
Dessa rota triunfal
Que todo o mundo assombrou,
A Terra inteira cantou
O nome de Portugal!

F. MARTINS.

AOS DESERTOS

Ó desertos velinhos e sem fim,
Desertos sem a sombra duma cruz!
Onde vagueia a alma de Caim
Abraçada na alma de Jesus...

Ó desertos, imensos areais,
Sem fontes a chorar pelo Sol-pôr!
Ó desertos, nem sei que me lembrais,
Fazeis lembrar as almas sem amor.

Desertos onde o Sol-poente morre
Sem um unico adeus, ao abandono,
Onde não dobram sinos numa tôrre,
Onde não caiem folhas pelo outôno!

Ó desertos sem rosas e açucenas,
Ó desertos sem cravos e sem lírios!
Onde não vão donzelas p'r'ás novenas,
Onde não há quem reze à luz dos círios.

Desertos onde o Sol de madrugada
Beija tudo em redor e nada cinge,
Onde o Sol beija a terra desolada
Como quem beija a fronte duma esfinge.

Velhos desertos onde a lua-cheia
Não tem um lago só para boiar,
Onde não há luz duma candeia,
Onde não há ermidas ao luar.

Desertos onde o vento, sem quebradas,
Não reza ladainhas, nem hossanas!
Onde devem andar almas penadas
A empecer o caminho às caravanas...

Ó desertos sem pombos, sem pombais,
Onde não passam nunca as raparigas,
Terra onde não gemem pinheirais,
Onde não há soluços, nem cantigas.

Desertos mais velhinhos do que o lenho
Onde os judeus pregaram o Senhor!
Eu sou vosso irmãozinho, porque tenho
Um deserto sem fim no meu amor...

.
.

Ó desertos em fogo, onde o sol cai
Amortalhado num lençol de sangue,
Onde o sol tomba sem ouvir um ai,
Sem ouvir um adeus na tarde exangue.

Velhos desertos em meditações,
Ó desertos amigos dos profetas!
Desertos! vós sois como as solidões
Que se fazem nas almas dos poetas...

Pobres desertos, frios como a neve
Quando à tardinha morre toda a luz,
Pobres desertos, onde à noite deve
Andar ao vento a sombra de Jesus...

Ó desertos! ninguém reza por vós,
A chuva não vos dá seus beijos d'água,
Longe das almas, muito longe, a sós
Ergueis para o Senhor a vossa mágua.

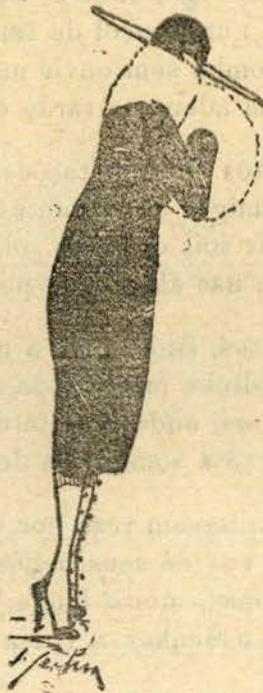
Ó desertos mais tristes do que dobres
De sinos a dobrarem por finados,
Ó desertos humildes como pobres,
Ó desertos sem fim, abandonados,

Hei de rezar por vós no meu amor,
Ó desertos sem fontes, nem caminhos !
Como rezo também pelo Sol-pôr,
Como rezam, à tarde, os pobrezinhos...

Velhos desertos, trágicos nirvanas !
Eu irei para vós quando morrer,
Mas p'ra onde não passem caravanas,
Longe de tudo quanto fôr viver!

Coimbra, Março de 1920.

ANGELO CÉSAR MACHADO.



Frutas do tempo



ADORMECI ...

Adormeci... As tuas mãos de cêra
Desfolharam carícias no meu sôno,
E Deus que da minh'alma se esquecêra,
De teus beijos floriu êste abandono!

Adormeci... A minha bôca muda
— Bôca sem fala, abandonado trôno... —
Sonhando a tua voz compõe e estuda
Uma elegia p'ra embalar o Outôno!

Adormeci... E um lento bater de azas,
— É a Lua que desceu por sôbre as casas? —
Unge-me a fronte — a etherea melodia!

Adormeci... A noite é como um dobre
Cobrindo a voz da terra escura e pobre.
.
E na minh'alma é alto e claro o dia!

Coimbra — Março de 1920.

ANTONIO DE PORTUCALE.

AZAS ...

Não me peças que fique... Ah! não me peças
Que beije nos teus olhos o teu pranto.
Não me fales de juras e promessas
Nesta hora de febre e desencanto!

Ah! deixa-me partir, voar emquanto
O Sol me doira os olhos! Não te esqueças
Que nunca, ao pé de ti, no teu quebranto
Pude esquecer meu vôo — azas perversas!...

Ah! deixa-me partir! Adeus! Adeus!
— Sôbre os meus olhos a amplidão dos ceus
É como um claro olhar de olhos absortos!

Do nosso amor? — Saudades vão comigo,
Das tuas mãos, do teu perfil antigo,
E o casto aroma dos teus beijos mortos!

Coimbra — Março de 1920.

ANTONIO DE PORTUGALE.

SILENCIO!

Foi-se na côr deste Poente alado
O teu amor e o meu perdidamente.
Deixá-lo ir dormir eternamente
Como um sonho que mal fosse sonhado.

Deixa-lo ir assim, sem um pecado,
Dos outros êste amor tão diferente.
Deixá-lo ir na luz deste Poente
O nosso amor, meu Deus, tão desgraçado!

Deixá-lo ir assim ao fim do dia,
Como luz de penumbra ou sacristia,
Como flor que murchou sem um lamento.

Deixá-lo ir o meu amor enfim!
Deixá-lo ir meu Deus! Longe de mim
Que durma em paz no grande esquecimento.

Coimbra — Março de 1920.

ALFREDO BROCHADO.

A MINHA VOZ

A minha voz perdida pelos montes
Anda por lá de noite a soluçar ;
Escuto-a às vezes, escutando as fontes
Que pelas serras andam a penar.

A minha voz é a voz dos horizontes
Ante o nascer saudoso do luar !
É a voz dos pinheirais, a voz das fontes
Das tristes coisas sem poder falar.

A minha voz são aís de um moribundo
De olhos cerrados já, sem vêr o mundo,
Mas antevendo as regiões dos Céus...

Rezando a minha voz é a voz do Além !
São teus olhos chorando — Minha Mãe,
Cantando a minha voz é a voz de Deus.

Coimbra — 1918.

ALFREDO BROCHADO.

IDILIO

AO AFFONSO DUARTE

I

Na tarde que desce
A gente entristece
De tanto sonhar!
As flores resequiram,
As aves partiram,
P'ras bandas do mar.

II

Quem é que me embala?
— Será a tua fala
De Virgem piedosa?
... E a tarde morria,
Na lenta agonia
De um caule de rosa!

III

E eu disse-te assim:
Não rezes por mim,
Que é a tarde que morre!
E as trevas desciam;
Trindades caíam
Do cimo da torre

IV

E então ao piano
«As horas de engano»
Quiseste tocar;
Mas nada se ouvia
E a gente tremia...
Caia o luar!

V

Oh horas saudosas!
Desfazem-se as rosas
Nas jarras, baixinho...
Dizendo segredos,
Beijei-te nos dedos
Com todo o carinho...

VI

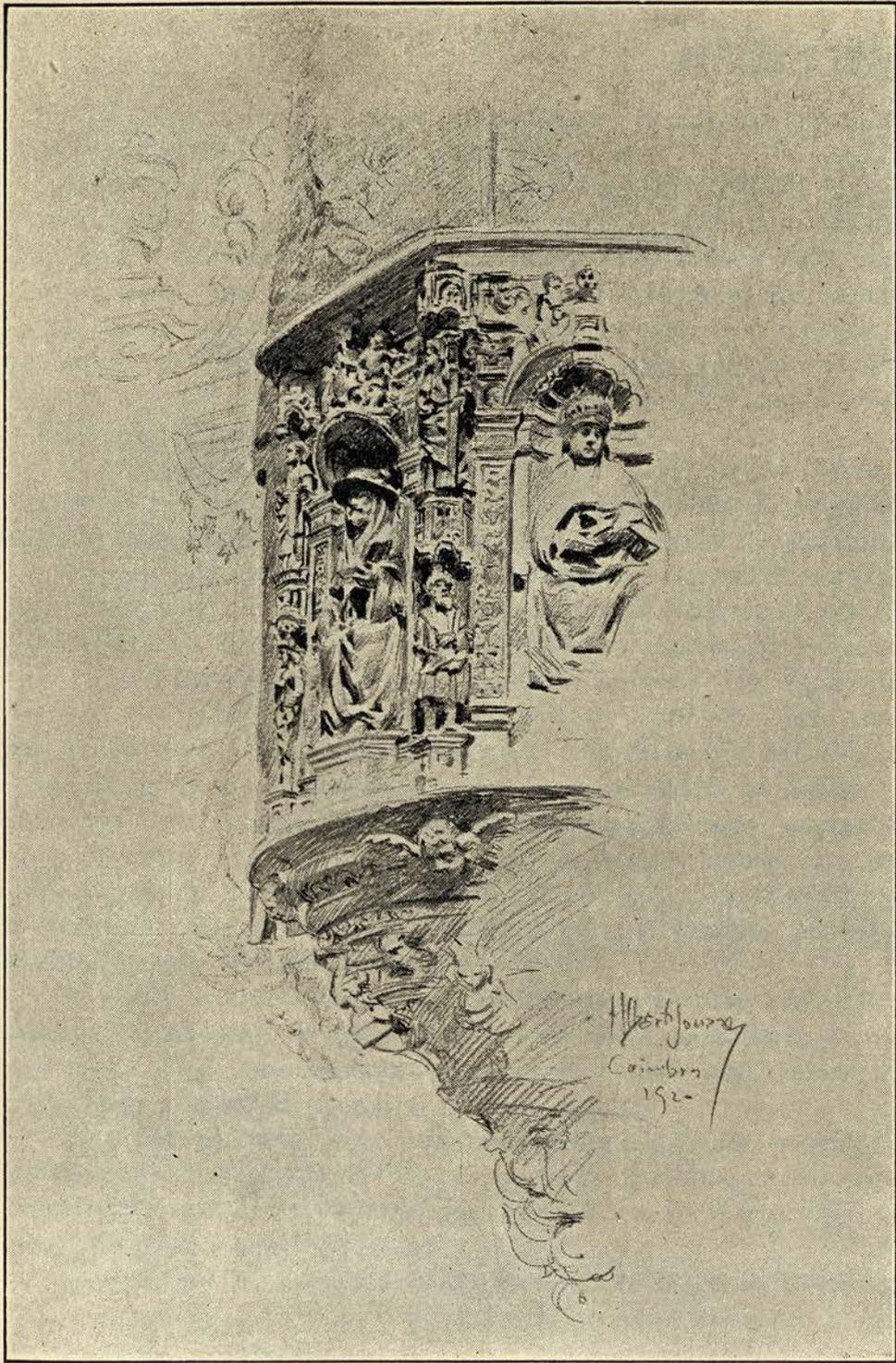
Teus olhos mirei-os!
Pareciam dois seios
Ou luas no Agosto...
E assim ao teu lado
Seria pecado
Beijar-te no rosto?

VII

E então lentamente
Uma voz de ausente,
Dir-se-ia um harpejo,
Ergueu-se na treva,
Enquanto se eleva
O nosso Desejo...

Coimbra, 1919.

ALFREDO BRUCHADO,



Artistas e amigos

Está entre nós o destinto aguarelista, sr. Alberto de Sousa, nome consagrado no mundo da arte.

Muitos são os trabalhos já feitos, apresentando Coimbra nas suas paisagens de planos harmoniosos e cambiantes múltiplos; mas, os claustros e retabulos, capelas e tumulos, selecionados pelo pincel classico e p'lo lapis magistral d'um artista de eleição e rara técnica, — que são a história eloquente das glórias remotas que a pedra documenta e as tintas vam editar, levando-a ao conhecimento da Lisboa coquete — é que nos extasiam, pelo raro senso artístico, pela intuição e sabedoria, com que são escolhidos.

A sua exposição será a página de oiro desta nobre cidade de bispos, guerreiros e sábios vádios, evocada nas côres de setim com que as suas aguarelas rematam o complicado *processus* de aquatintar.

Presentemente aguarela o templo românico descrevendo o xadrês, arcoirisado pelo sol poente, das suas pedras rectangulares côr das *petalas murchas de rosas-chá*, numá concepção de fantástica realidade, que os artistas interpretam para maravilha e pasmo dos leigos como eu: — A Sé Velha, que a meio da encosta se ergue em linhas austeras, muda para a civilização que passa, acigana-se de mil côres ao adeus do sol-poente, como num *sabbat* de luz a evocar os *mythos* que lhe embalaram o berço de um relegiosismo semi-bárbaro, enquanto o sol moribundo entra nos vitrais a orar na prece d'agonia, e a catedral, divorciada da architectura nova, vai cobrindo a sua angústia com a sombra funéria dos recantos, dando a paz dos túmulos aos bispos guerreiros que dormem no seu seio ...

... inda a claridade iriante, mordida pela dentuça das ameias, recorda, num *dentelle* de luz e sombra, o riso mau da moirama vencida que foge. Foje para Alhambra de Granada, como o meu pensamento, visionando a aguarela magistral do eximio pintor.

Aqui lhe pedimos, como penhor da nossa admiração, desculpa da apresentação desastrada dos trabalhos que tão gentilmente nos cedeu, valorisando esta revista que se honra com a sua incidental colaboração. Os nossos agradecimentos.

Encantados, agradecemos ainda ao sr. João Augusto Machado, o seu elegante desenho « A Tradição — em frisos velhos sob a egide da Universidade feudal. »

Caixa da comissão

<i>HAYER:</i>	Conta da tourada		
<i>De Demarches:</i> 10 a Taveiro, Formoselha, Figueira, Anadia e Lisboa (Documento 1).		131	\$16
<i>Gados:</i> Aluguel, campinos e pastos (Doc. 2, 3, 4, 1-C).		428	\$00
<i>Artistas:</i> Ofertas e despesa (Doc. 5, 6, 7, 8, 9, 10, 31).		428	\$24
<i>Despesa de Praça:</i> De Coimbra — curso 95, archeiro, etc.	180		\$12
Da Figueira — percentagens, bonus, impostos, foguetes, música, etc., etc. (Doc. 11, 12, 13).	1.308	\$03	1.488\$15
<i>Reclame:</i> Cartases, prospectos, colagens e 2 idas por urgência ao Pôrto (Doc. 14, 15, 16, 1-A)		271	\$29
<i>Fatos:</i> Transportes, aluguel (Doc. 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25).		139	\$47
<i>Jantar:</i> Vinhos de Coimbra e conta do hotel (Doc. 23, 30, 31, 32, 33).		1.427	\$70
<i>Diversas:</i> desp. comissão, telegramas, carros, gorjetas, farmácia, chá às comissões d'honra, etc.		232	\$13
<i>Supervenientes:</i> Bilhetes restantes e de fav.-comissois, prof.; etc. (Doc. 36)		148	\$50
Filantropica e S. dos Pobres (Doc. 34, 35). — Saldo		1.160	\$66
<i>DEVE:</i> — <i>Receita da Praça</i> — nota da Emprêsa ✓		5.855	\$30

<i>HAYER:</i>	Conta do curso		
De gravuras (A, B)		19	\$70
Telegramas e vales do correio		2	\$85
Ofertas (C).		70	\$00
Bilhetes de viagem		97	\$96
Programas (D)		190	\$00
Uma folha de pregaminho, quebras, publicações, contas, etc. (E).		198	\$95
Filantropia — a um condiscipulo por iniciativa de C. Branco (E) — Saldo		221	\$74
<i>DEVE:</i> — Venda de programas	75		\$20
Inscrições	726	\$00	801\$20

S. E. O.

Conta de correcções

Receita destinada às fototípias do curso e touros	37	\$70
---	----	------

NOTA. — Se não fôra o muito respeito pelos dirigentes da Sopa, quási lastimávamos ter dado o produto do nosso trabalho aos pobres. Evitavamos a publicação de contas e os comentários daqueles que naturalmente se divertiram de graça, pois a receita calculada pelos bilhetes era de 7.030.00. Os documentos e minuciosa discriminação de contas, ficam depositados na Associação Académica.

Um arbítrio

O incidente que deflagrou, por virtude da teimosia incompreensível de alguns professores da faculdade de medicina e de que veem sendo vítimas seis alunos daquela faculdade, não pode passar sem que o anotemos, não vá julgar-se que nos alheamos das questões académicas mais importantes.

O caso já tem sofrido os reparos da imprensa, mas não queremos furtar-nos ao cumprimento do nosso dever, deixando de lhe dedicar a maior atenção.

Nos seus traços gerais o caso foca-se com precisão nestas palavras duma eloquência forte e dominadora :

Seis alunos da faculdade de medicina andam desde Dezembro de 1919 à espera que os examinem, para concluírem a sua formatura.

É só isto, que é enorme no arbítrio, tanto custa encontrar a palavra própria para qualificar o caso...

Em Dezembro esses alunos não foram examinados, porque os professores que compunham o juri não compreendiam que se fizessem exames naquela época. E como não compreendiam, a lei votada pelo parlamento determinando uma época de exames em Dezembro, não teve para aqueles alunos a necessária ificiência.

Ficaram, pois, para Março, pacientemente aguardando que a piedosa omnipotencia dos seus mestres lhes concedesse a suprema graça de os examinarem.

Março chegou. E o exame, também, mas... em meia dose... Fizeram só a prova prática. A teórica sonegaram-lha os professores, para terem o prazer de tornar a vê-los — ainda académicos — lá para alturas de Julho.

E as victimas — os novos inocentes sacrificados ao arbítrio universitário — seguiram a sua caminhada e continuaram jornadeando às ordens de certos professores da Faculdade de Medicina.

Julho chegou na altura própria como sucedera com o mês de Março.

Esta teimosia dos meses de seguirem sempre com uma regularidade matemática, perde-se na noite dos tempos.

É o que nos consta ...

Pois Julho chegou, mas desta vez, os exames não apareceram nem, ao menos, por meias doses.

Não houve exames, diz-se, por ... falta de cadáver ...

¿ Mas isto fere o prestígio da faculdade de medicina que assim demonstra não possuir o necessário material de ensino ?

Isso não é comosco. A faculdade de medicina é que o afirma.

¿ Em que situação fica nestas circunstâncias a faculdade de medicina ?

Não queremos sabê lo.

O que não pode é continuar esta situação vexatória e desprestigiante. Tem que terminar para honra de todos, dando-se *imediatamente* exame aos alunos que desde Dezembro do ano findo andam para concluir a sua formutura.

A êsses nossos colegas oferecemos todo o nosso apoio, desejando veementemente que sejam respeitados os seus legítimos interesses.

Uma atitude inteligente ...

Ante a solercia de um presidente que a todos os momentos procura a celebração que não consegue alargar além das suas aptidões bobescas, e as resoluções de uma assembleia que, para mim, eram o *desideratum* de um ano de trabalhos e responsabilidades, não havia que exitar: aguardei as resoluções, desprezando a filancia arqui-estulta do enédito «meneur».

Entretanto, para que se não julgue que por falta de rasões lhe não dou uma resposta cabal, me refiro aqui às suas insídias.

Afirmou o Barnab, chorando numa lamúria de crocodilo a direcção de que fiz parte, onde, diz, tinha dedicados amigos — que eu era indigno. Indigno porque tinha ludibriado a Academia no intuito de me fazer presidente da Associação, com uma pretensa imposição do governo, que êle verificou em Lisboa não existir.

Olhe, meu genial barnabé, — mea culpa: fui eu que os lá meti, porque os republicanos não queriam tal lista, eu, que gastei dinheiro e esforços para os fazer directores, sem o conhecer, note bem; lá me podia ter encaixado se tal aspiração tivesse.

Indigno é o cavalheiro, que não pediu a demissão ao ter de tal conhecimento.

Indigno porque calunia: pois não teve das três vezes que nos ministérios apareceu a arrotar a digestão dos almoços conhecimento de nada, de resto, eu nunca fiz tal afirmação. Numa papelosa «Diário da missão em Lisboa» que em 12-3-919 fiz publicar, lê-se :

«Fomos recebidos por S. Ex.ª, que com palavras de louvor para a Academia, generosamente perfilhou o Decreto mostrando-nos, com êste gesto e com palavras que não desejava política na Academia.»



«Tive eu a impressão de que as dificuldades que se vinham acentuando, sempre vencidas por S. Ex.^a o Sr. Ministro, eram insuperáveis com a Direcção da Associação Académica, de que fazia parte.»

«Não justifico esta impressão, que se tornou uma realidade, porque não quero mais incidentes.»

«Consultem a consciência e meditem. Nada de sofismas, e assentemos nisto.»

«Os Poderes Públicos não fizeram imposições nem eu indicaria uma solução menos digna, que aliás, foi aceite pelo Presidente e mais colegas da Direcção.»

«De facto, o passado da Associação não nos recomenda a confiança do Governo, ainda há dois dias de uma revolução.»

‡ E não sabe porquê ó heroico soldado do batalhão académico?

Porque a lista dessa direcção (mau grado o conceito em que o tenho) levava convidado o presidente, monárquico confesso e revolucionário sidônista — um abuso, uma irregularidade tendenciosa; foi, como viu, defendida por aqueles que na sala dos capelos tentaram agredir um colega por se dizer democrático, e na Associação faziam reuniões de protesto sem consulta da direcção, contra um artigo do Dr. Quim Martins, e: ou a Academia, com a sua Associação, não fazem política, e abstem-se destes actos e tantos outros que como tal a revelam e envergonham, ou faz política, como está na consciencia de todos, e suporta-lhe as consequências, podendo qualquer minoria de bom-senso defender-se dos inconvenientes provocados.

Os mesmos, para exaltar o brio académico, levantaram essa «blague», que na boca dum republicano é mais que uma calúnia: — é a expressão da vaidade burlesca e da falta de escrúpulos que o caracteriza. Enfim, um tipo ordinário, sem educação nem princípios com a linguagem fácil e argumentação estulta dos inconscientes.

Publico as bases em que pretendi se organisasse a Associação Académica e que, a título de estudo, apresentei na Reunião Magna por mim convocada e contra as quais se rebelou o augusto presidente:

BASES DE ESTATUTOS:

Primeira. — Os corpos gerentes são tirados de um Conselho Escolar, designado eleitoralmente pela Academia em 5 (cinco) assembleias de faculdade escurtinando 5 candidatos cada, sendo sempre 3 (três) de maioria e 2 de minoria, representando os critérios políticos constitucional e formalmente contrários, e são — Medicina, Direito, Letras, Ciências Positivas (Farmácia e Liceus) — pela forma seguinte:

- a) 3 (três) académicos da maioria eleita, e por esta designados em escrutínio secreto e assim 3 (três) da minoria, constituem a Direcção que tem todos os poderes, excepto os escolares que residem no Conselho Escolar (ou Senado Académico), e as atri-

buições da Assembleia Geral; resolvendo em última instância, por escrutínio secreto e reunião plena, sobre assuntos externos a esta Associação ou de carácter político, abstendo-se Esta quando houver anulação de opiniões.

- b) dois (2) da maioria e dois (2) da minoria formam uma comissão a propósito que preside à reunião da Assembleia Geral, sendo o presidente dentre estes designado pela sorte, ante a Assembleia reunida.

Segunda. — A Assembleia Geral resolve sobre preceitos estatutários não constitucionais (ou rígidos) como as bases aprovadas que são da atribuição da Academia em Reunião Magna e sua consequente legalização, e sobre atribuições de poderes ou conflitos entre órgãos do mando servindo de tribunal.

Terceira. — Não há presidente. Um director de mês preside a toda a administração, alternando-se no exercício, e à reunião mensal ordinária das comissões do Orfeon (5), da Tuna (5), Grupo Dramático (5) e Desportos (5) que constituem o Conselho Artístico-Sportivo, deliberando sobre as manifestações da vida académica que representam e traduzem. Qualquer destes órgãos, vive numa interdependência regulada nestes estatutos, que garanta pela coordenação de esforços o progresso da Associação e o bom nome da Academia.

Quarta. — Nenhum preceito, tendente a proteger qualquer acto político ou permitir a fuga de qualquer órgão do grémio associativo, será admitido nos complementos destas «bases».

Afinal revelou-se, com a sua claque, um polichinelo que a mão dos monárquicos habilmente trabalhou.

Estas «bases» procuram como se vê, evitarem os efeitos perniciosos da política, apoiada em pretensas maiorias, que não respeitando os interesses académicos sómente protegem paixões e caprichos por demais inconvenientes à formação do carácter na mocidade estudiosa; e, sendo essa maioria hoje monárquica, segundo dizem, resultava a sua aprovação num benefício para as *nobres ideias republicanas*.

Documentando

Em virtude dum papel que assinei, para obter poderes afim de tratar da excursão à América, e em que declarava «envidarei todos os esforços» publico um dos muitos memoriais e officios, que a todos os ministros da república até maio, apresentei. Este é muito sintético; e feito do conjuntivo um imperativo, transforma-se no diploma que desejava, evitando à burocracia o trabalho de pensar um momento no assunto, desejo inútil que durante intermináveis dias tentei.

A SUA EX.^a O SENHOR MINISTRO DA INSTRUÇÃO :

A Associação Académica de Coimbra, ardendo no desejo de triunfar no movimento patriótico que iniciou após a revolução do Norte, carece de certas condições que só o Governo pode realizar, preceituando em diploma legal :

- I. — Que fique considerado movimento que interessa a Academia de Coimbra e superiormente autorizada a Excursão Patriótica à América do Sul
- II. — Que fique depositado pelo tempo dum ano, o capital a que se refere o decreto n.º 5.659, de 10 de Maio de 1919 na Caixa Geral dos Depósitos.
 - a) Que o juro dêste capital seja utilizado para a Excursão a que se refere o artigo 1.º e estudos do edificio ; e que para o efeito seja levantado pelo académico Camilo Valente, delegado da Associação, mediante caução que prestará perante a Caixa Geral dos Depósitos, cessando esta com a apresentação do documento de contas aprovadas pela Junta Administrativa do capital.
 - b) Que o capital seja levantado pela respectiva Junta Administrativa,
- III. — Que o Ministro da Instrução determine oportunamente a composição desta Junta, devendo dela fazer parte um académico por cada Faculdade Universitária.
- IV. — Que para a efectivação do artigo anterior, a Associação Académica elabore uns estatutos, que objectivem os fins do artigo 1.º do Decreto n.º 4.697 e, em conformidade com o artigo 9.º da lei n.º 861, definam claramente a sua missão dentro das Academias, incumbindo-lhe desde já, para o efeito do artigo 10.º da lei n.º 861, a organização administrativa do Orfeon.

Por êste documento se vê que não tenho responsabilidade alguma no destino que o dinheiro venha a tomar. O I pedido tinha despacho favoravel do ministro, mas — **só para efeitos de juros.**

Orgulho humano ...

« A defesa dos 100 contos que nos absorveu a maior parte das receitas ».

Despesa : feita por C. V. — 240\$00, por C. V. e A. F. — 100\$00, pela direcção, — 50. Total — 390\$00.

Receita das eleições por motivo dos 100 contos : provável 300 escudos, entregue por Barbosa — 250. Total 550 escudos.

Como se vê a campanha dos 100 contos meteu nos cofres da Associação

uns 160 escudos, quasi tanto como agora entregam. Fique pois assente que a defeza dos 100 contos, *não gastou um centavo à actividade desta direcção.*

O detreminismo destas criaturas... «!!

— «Sport conseguiu 190\$30». Tanto quanto o saldo da caixa! Isto é, as despesas são iguais, justamente, à receita de cotas e joias, bufete, cartões, etc., e mais o saldo de 30 escudos e 16 centavos! Que belo chut! O saldo em boas contas seria o transmitido pela comissão eleitoral, mais ou menos 550 escudos, pois aqui começa a actividade da direcção.

Percebe-se. O presidente era director dos Sports, capitão.

Não aparece uma conta dos Sports com receita e despêsa, onde o vinho gorgolejado (numa só noite, segundo ouvi, 60 escudos) devia ser inscrito em despêsa e levado a crédito do bufete. Nada disso: contou-se o dinheiro em caixa, concerta-se uma receita por 7 desafios que, com a despêsa do cofre deve dar o dito saldo 190\$30! Tem graça! Tanto mais que este saldo não existe, — deixaram a pagar importâncias superiores.

— «Quasi isolados lutamos corajosamente pelo eugrandecimento da A. A.».

Isolou-se, isolou-se diga assim, porque...

Na guia 12, última verba, dão-se 50 escudos ao sr. Augusto da Fonseca para ir a Lisboa agradecer o indulto que pediu para si!! E papar jantares em honra da Academia com noticia nos jornais, não? Não comentamos. Perguntamos apenas: que interêsse material ou moral adveio para a Associação que justifique esta despêsa.

Entretanto, o saloio era um Catão — um *passaro*.

«Em portugal marcamos um lugar de destaque que poderá ficar como alguma coisa de grandiosa que marque a nossa passagem por esta gloriosa universidade».

Não há dúvida. O jantar dos jornalistas... etc, etc. Já Herculano dizia:

«*Orgulho humano, qual és tu mais — feroz, estúpido ou ridiculo?*»

Trapos: — idas vindas, dias por Lisboa; representação da Associação, pela abertura d'aulas, agradecendo os 100 contos; o primeiro número; prejuizos dêste tomo e mais papelosas, eleições, etc. — andam para cima de *mil escudos* — gastos na defesa dos interesses da Associação e portanto da... briosos.

São trapos da *opa* que alguns incompetentes vestiram com a aclamação numas eleições extraordinárias — defeza dos 100 contos — e em que eu embrulho as canellas, com muita canceira e tempo perdido.

*

CAMILO VALENTE.

— É pelo exercício consciante e repetido da vontade que se forma o *character*. A enércia da vontade, é um dos nossos grandes males; é forçoso reagir contra elle. Criemos *vontade* e orientemo-la na *direcção do bem* — do DR. TEIXEIRA BASTOS.

O Ovo de Colombo ...

